«É TUDO POR CAUSA DE NOSSA SENHORA!»

Biografia espiritual da Irmã Lúcia de Fátima

PAULUS

APRESENTAÇÃO

A história de Deus com o Homem é um mistério fascinante. Chamamos-lhe «História da Salvação» porque, acontecendo na História – na nossa história, a de hoje e a de todos os tempos – irrompe sempre de forma totalmente inesperada com os frutos da Páscoa de Jesus Cristo em todo aquele que se deixa envolver por ela e Lhe abre as portas do seu coração. Transforma-nos, muda-nos, cura-nos, lança-nos para o imprevisível, para o nunca antes sonhado, para um «Mais», exigente, que, ao mesmo tempo que nos dá medo porque nos desinstala, nos seduz e nos queima de tal forma que percebemos que AÍ SOMOS, para isso estamos feitos; desde sempre e para sempre. Numa palavra, salva-nos; e salvando-nos, gera salvação, faz acontecer esse «fazer novas todas as coisas» que o Senhor anunciou pela boca do seu profeta. Quem alguma vez fez esta experiência nesse lugar de si mesmo que a Bíblia chama «coração», o íntimo mais íntimo que possuímos, essa «adega interior», nas palavras de Santa Teresa de Jesus, «onde se passam as coisas mais secretas entre Deus e a alma», sabe bem do que falamos. E saberá certamente quão importante é, para lhe sermos fiéis, a presença de uma mão amiga e sábia que possa apontar caminho e dizer: "Coragem; não temas! Segue confiante"! Com lucidez, com generosidade; mesmo se sem mapas. «Sem outra luz nem guia» senão a bela luz da Fé e o báculo da Cruz, que sempre fazem entrar nessa Verdade (com maiúscula!) que atesta que é «tudo muito bom»!

O livro que tens entre mãos fala disto. Conta-te uma história e apresenta-te alguém que quer e pode ser essa mão que agora necessitas para seguir adiante com um alento novo, mais do Céu e, por isso, mais comprometido com esta Terra. Fá-lo contando-te uma pequena parte da sua história, história de quem, efetivamente, não teve medo. De quem apostou tudo na fidelidade a um SIM dado na infância, assumido na juventude, confirmado e provado na adultez, consumado em idade avançada quando o próprio corpo já falava de Eternidade. Que bonito ver crescer o Amor e, sobretudo, encontrá-lo à nossa espera, em cada etapa da vida! Que graça imensa saber que me levanto em cada manhã porque tenho um SIM a que ser fiel!

Que terá para nos dizer hoje a Venerável Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado? A criança claramente de "outros tempos"; a vidente; a religiosa; a monja retirada do mundo, numa clausura – que palavra poderá ter PARA MIM?

Ao vê-la «terminar a sua carreira», achámos que tinha uma palavra importante para nós; e, neste «nós», também estavas tu. Ao Padre Ricardo Figueiredo esta palavra ecoou, fez-se presente; e, a seu tempo, a obra nasceu.

Se aceitares o desafio de seguir a leitura até ao fim certamente te irás apercebendo de que há coisas diante das quais não poderás ficar indiferente. A primazia absoluta da graça, que escolhe e capacita; a presença de Deus nos encontros e desencontros da vida; a necessidade de tomar posição e decidir porque Deus te respeita demais para te forçar; a força purificadora da Cruz; a Mensagem do Céu que é sempre graça e misericórdia; a presença de Maria que cuida, guia, fortalece e impele desinstalando, ou não fosse Ela a mulher mais audaz e corajosa da História.

Agradecemos ao Padre Ricardo o seu apreço e atenção pela figura da Irmã Lúcia e pelo modo simples e profundo com que

aqui a pôs ao alcance de outros, sobretudo dos mais jovens. Rezamos pela fecundidade que daqui pode resultar através desse mistério divino da atração que Santa Teresa do Menino Jesus, tão presente na vida e vocação da Irmã Lúcia, explica no seu modo característico:

> Peço a Jesus que me atraia para as chamas do seu amor [...]. Estou certa de que quanto mais o fogo do amor abrasar o meu coração, tanto mais eu direi: «Atraí-me»; e mais as almas que se aproximarem de mim (pobre pedacito de ferro inútil se me afastasse do braseiro divino) correrão com ligeireza ao odor dos perfumes do seu Bem-amado.[1]

Confiamos à intercessão da Irmã Lúcia as intenções de todos aqueles que se cruzam com ela no caminho desta vida para que possam experimentar em si o que acreditamos que ela experimentou: «Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará!»

Uma última palavra; que é de fim e de início ao mesmo tempo. Que importância tem a Irmã Lúcia para a querermos, de facto, conhecer melhor e tornar mais conhecida?

Diz São João da Cruz: «Não há obra melhor e mais necessária do que o amor [...]. Um pouquinho deste puro amor é mais importante para Deus e para a alma, e é mais útil à Igreja, do que todas as demais obras juntas.»[2] A vida de Lúcia de Jesus tem facetas imensas, algumas das quais ainda estão para ser aprofundadas e conhecidas. Mas tem uma, importante, essencial, que já vamos conhecendo e da qual precisamos de nos deixar impregnar:

---

[1] Santa Teresa do Menino Jesus (1996). *Manuscrito C*, in *Obras Completas*. Edições Carmelo: Marco de Canaveses, p. 292.

[2] São João da Cruz (2005). *Cântico Espiritual* [Canção 29], in *Obras Completas*. Edições Carmelo: Marco de Canaveses, p. 675.

A Irmã Lúcia foi uma mulher imbuída de Amor (outra vez com maiúscula...)! Por isso, a sua vida é história de salvação que pode curar a nossa existência de uma superficialidade e mesquinhez que, tantas vezes, nos tolhe a alma e nos diminui como seres humanos. Pode fazê-lo, se nós deixarmos. Atrevamo-nos a segui-la. Atrevamo-nos a Amar!

Irmãs Carmelitas de Coimbra

PREFÁCIO

LÚCIA, O SEGREDO DE UMA VIDA

A vida de Lúcia é uma história que interpela todas as nossas certezas antecipadas: na sua vida nada foi o que poderia ter sido. Nasceu para ser camponesa e tornou-se freira. No silêncio e na reclusão não desapareceu, antes se tornou uma das personalidades, senão a personalidade portuguesa mais influente do século XX. (Presumo que esta última afirmação seja considerada um exagero, mas perguntemo-nos: quem, em Portugal, foi protagonista da génese de algo com a capacidade de convocação e de permanência de Fátima?)

O que começou por me interpelar em Lúcia não foi o seu papel nos acontecimentos de 1917, mas sim o percurso que começa quatro anos depois, em 1921, quando Lúcia entra no Asilo do Vilar, no Porto, onde é recebida com esta frase: «A menina agora muda de nome. Fica a chamar-se Maria das Dores. Se lhe perguntarem de que terra é, diz apenas que é de perto de Lisboa e nada mais.»

Lúcia tinha então catorze anos e se bem que os catorze anos de 1921 não sejam os de hoje, há algo de impressionante ou que, melhor dizendo, a mim me impressionou neste momento e me levou a olhar para esta personagem que, tal como acontece com as personagens realmente importantes, conhecemos pelo seu nome próprio, sem apelidos nem títulos. Ela é apenas Lúcia. Mas quem é Lúcia? Que pessoa, carácter, personalidade, vivia entre essas muralhas de palavras que condicionaram toda a sua vida e sobre as quais ela se construiu a si mesma?

Tenho uma ideia vaga, e quiçá construída por vários visionamentos de imagens de arquivo, do momento em que, em 1967, Paulo VI a apresenta à multidão no santuário de Fátima dizendo «Aqui está!» Nesse momento, o povo grita o seu nome e as câmaras mostram por momentos uma mulher ligeiramente sorridente, com hábito de freira.

Mas como é que a criança que em 1921 parecia ir diluir-se no anonimato acaba em 1967 ao lado de Paulo VI? E a tornar-se protagonista central nas visitas de João Paulo II ao santuário?

Para o entendermos (pelo menos foi esse o percurso do meu entendimento) há que voltar a 1921. Em 1921, o tempo dos videntes chegou ao fim em Fátima. E isto é uma evidência, mas também uma inevitabilidade.

Quando em 13 de outubro de 1921, o padre Afonso Jacinto Soares Ferreira celebrou, com autorização do bispo de Leiria, a primeira Missa em Fátima, Francisco e Jacinta estão mortos e são recordados em pagelas e postais em que permanecem sempre crianças. E Lúcia? Lúcia continua viva, mas para ela acabou a infância, o tempo em que corria atrás das ovelhas, as idas com as irmãs aos bailes ou à apanha da azeitona nas propriedades da região. O apagamento de Lúcia era indispensável para que Fátima não fosse mais um lugar de romaria, em que os romeiros procuravam ver a vidente, tocar-lhe, levar dela uma recordação, mas sim um santuário mariano.

Cabe perguntar: teria Fátima evoluído como evoluiu caso os videntes ali tivessem continuado? Caso Marta e Francisco não tivessem morrido? Caso Lúcia por ali tivesse ficado? A resposta nunca poderá ser dada porque Francisco e Jacinta morreram crianças e Lúcia, em 16 de junho de 1921, parte para o Asilo do Vilar: «Sem me despedir de ninguém, às duas da manhã, acompanhada de minha mãe, pus-me a caminho.»

Lúcia, que já resistira a esse incontornável 1917, que resistira à doença que levou os primos, vai resistir a esse esquecer-se de si que em nome de Fátima lhe é pedido e que a frase que ouve ao entrar no Asilo do Vilar antecipa.

Afinal esta mulher, que entre 1982 e 2000 veremos três vezes em Fátima movendo-se com naturalidade ao lado de João Paulo II, é a jovem que, para permanecer incógnita, nem se apresentou a fazer os exames que davam conta dos seus progressos escolares. Que teve de renunciar à quinta que lhe quiseram deixar em herança para que não se dissesse que beneficiava materialmente com o facto de ser vidente de Fátima. É a rapariga que toma a decisão não apenas de ser freira, mas que também escolhe a clausura, o que a leva a partir para Espanha, onde vai viver o quotidiano tão socialmente marcado dos conventos nesse país. É a criança sempre atormentada com a desconfiança da mãe sobre a veracidade das suas palavras. É a religiosa que naquela sua letra regular começa a escrever aos papas na década de 40, tornando-se central no que se conhece como terceiro segredo de Fátima. É a mulher adulta que, no sacrário de Pontevedra, acaba a encontrar respostas para um destino que desde maio de 1917 a excecionalizava: «Escreve o que te pedem, não porém o que te é dado entender do seu significado.»

Da entrada no Asilo do Vilar ao sacrário de Pontevedra desenrola-se o fio condutor de uma vida única em que a assunção da renúncia extrema por parte de Lúcia conduz posteriormente à sua reafirmação e a uma influência difícil de avaliar e que tem o seu momento mais expressivo em 25 de março de 1984. Nesse dia, em Roma, perante a imagem original de Nossa Senhora de Fátima ida expressamente da Cova da Iria para este ato, João Paulo II consagra o mundo ao Imaculado Coração de Maria, em união com todos os bispos do mundo, cumprindo assim, na

forma e no conteúdo, aquele que era o cerne das palavras de Lúcia desde os anos 1920.

Tendo eu nascido na década de 1960, como tantas outras crianças desse tempo efabulei sobre o terceiro segredo de Fátima. Mais tarde, como também foi próprio da minha geração, «sociologizei» sobre o assunto. E, como não podia deixar de ser, ouvi, em 13 de maio de 2000, o cardeal Sodano revelar no próprio Santuário de Fátima o chamado «terceiro segredo». Mas não é sobre esse segredo que agora escrevo ou sequer que me suscitou a atenção.

O que me captou o interesse foi esse outro segredo que também estava ali, nesse 13 de maio de 2000, em Fátima. Tal como estivera em 25 de março de 1984 na Praça de São Pedro. Aliás estava diante dos nossos olhos desde 13 de maio de 1917. Esse segredo para o qual continuo sem resposta é a pergunta que não consigo deixar de fazer ao olhar para Lúcia: que vida foi esta? Não sei.

Helena Matos

ÍNDICE

Apresentação 5

Prefácio 9

Introdução 13

1. Lúcia e o Portugal
onde Lúcia nasceu e cresceu. 23

2. Visões e Aparições em Fátima 37

3. Juventude e religiosa Doroteia 83

A Carmelita 135

Vida espiritual 161

Últimos anos e morte 181

Conclusão 193

Memória fotográfica. 201